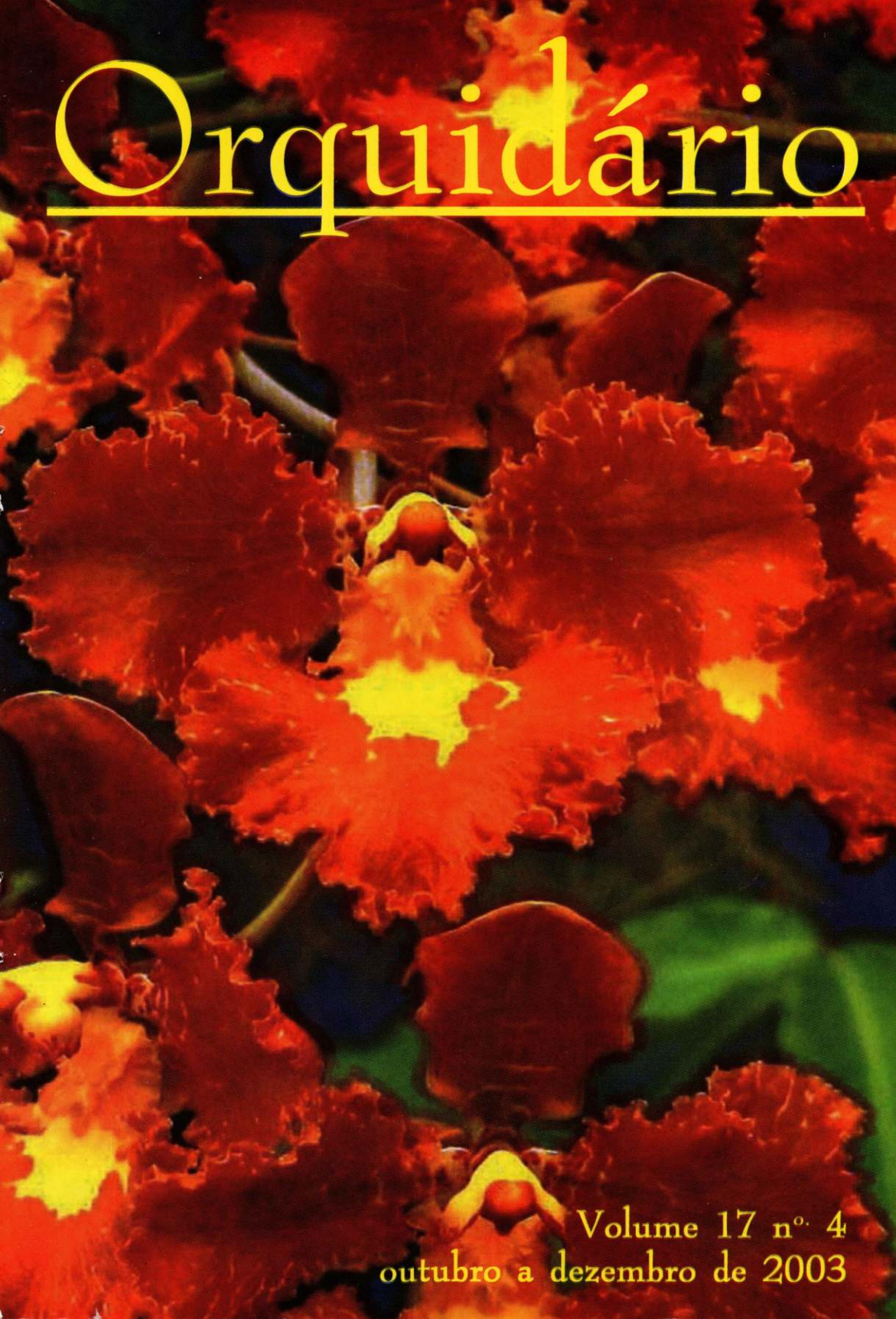


Orquidário



Volume 17 n.º 4
outubro a dezembro de 2003



OrquidaRIO, Sociedade Brasileira de Orquidófilos S.C.

Orquidário

Revista, trimestral, publicada pela OrquidaRIO

Volume 17 n° 3

julho a setembro de 2003

ISSN - 0103-6750

Editor: Raimundo A. E. Mesquita

Comissão Editorial:

Carlos A. A de Gouveia, Maria da Penha Fagnani, Delfina de Araujo e Carlos Eduardo M. Carvalho.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao Editor, em disquete, zip drive, cd, ou enviados por e-mail e, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da OrquidaRIO conforme depósito e registros legais na Biblioteca Nacional e no INPI.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (©), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: OrquidaRIO

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091- 000, Rio de Janeiro, RJ

Tel.:(21)2233-2314

Fax (21)2518-6168

e-mail: orquidario@orquidario.com.br

Internet: <http://www.orquidario.com.br>

Diretoria Executiva

Presidente	Marlene Paiva Valim
Vice-presidente	Carlos A. A. de Gouveia
Diretores	
Técnico	Raimundo A. E. Mesquita
Admin.-Financeiro	Paulo Damaso Peres
Rel. Comunitárias	Sylvio R. Pereira

Conselho Deliberativo

Presidente	João Paulo de S. Fontes
Vogais	Luciano H. da M. Ramalho
	Carlos E. de Britto Pereira
	Carlos E. Martins Carvalho
	Eliomar da Silva Santos

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87 (†)

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02



CONTRIBUIÇÃO ANUAL DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1 ano/1 year	2 anos/2 years	3 anos/3 years
Filiação e contribuição anual	R\$70,00	R\$130,00	R\$190,00
Overseas Subscription Rates	US\$40,00	US\$70,00	US\$110,00
Via aérea: acrescentar R\$30,00/ano - By Air Mail: plus US\$20,00/year			

Volume 17, n° 4



Índice

Mensagem da Presidente		132
Raimundo Mesquita	Moda e Orquídeas	133
Delfina de Araújo	Afinal que espécie é esta	138
Jenny & Romero	Cycnoches herrenhuseanum	143
Carlos E. M. Carvalho	As Belas Cattleyas Semi-Albas	148
Carlos E. de Britto Pereira	<i>Oncidium crispum</i> Lodd.	152
Álvaro Pessoa	Desafios da Hibridação - Final	155
A. Ventura Pinto	Mirmecofilia - II	157
Lou Menezes	<i>Bletia catenulata</i> , <i>Alba</i>	164
Seções		
Obituário	Jorge Sampaio	166
Publicidade		a partir de 168

Nossa Capa - Como diz Carlos Eduardo de Britto Pereira no belo artigo na página 152: "A nossa capa mostra um magnífico exemplar de *Oncidium crispum*, a planta ganhadora da exposição de primavera da OrquidaRIO, "Orquídeas no Jardim", que aconteceu em setembro no Jardim Botânico do Rio de Janeiro." Além disso, é necessário considerar a evolução que representa a escolha num país que ainda privilegia a *Cattleya* nas suas premiações.

Crédito das Ilustrações - Capa e páginas 133, 148 e 152, Raimundo Mesquita; 134 a 137, 149, Etelvino Rodrigues; 138 a 142, Sérgio Araújo; 143, 145 e 147, Preissler; 144 e 147, Rudolf Jenny; 150 e 151, Roberto Agnes; 157 e 158, não identificada a autoria; 164/5, Lou Menezes; 136, parte inferior, 136 166/7 Álvaro Pessoa.

MENSAGEM DA PRESIDENTE

É HORA DE NATAL, É HORA DE BALANÇO

É HORA DE NATAL, É HORA DE BALANÇO, É HORA, ENFIM, DE COMEMORAR OS ÊXITOS, MAS SEM LAMENTAR OS INSUCESSOS.

ACREDITO, ESTOU CONVENCIDA QUE O ANO QUE ESTÁ TERMINANDO FOI UM ANO BOM PARA NOSSA ASSOCIAÇÃO. TRABALHOU-SE UM BOCADO E FOI POSSÍVEL MANTER ACESA A CHAMA RECEBIDA FAZEM JÁ TANTOS ANOS.

A ASSOCIAÇÃO TEVE QUE MUDAR DE NOME E DE ESTATUTO PARA ATENDER A EXIGÊNCIA DO CÓDIGO CIVIL QUE ENTROU EM VIGOR EM JANEIRO, MAS, NA ESSÊNCIA A ORQUIDARIO CONTINUOU A MESMA, ADOTOU SOMENTE NOVA EMBALAGEM...

AS NOSSAS FLORES FORAM À "PRAÇA", POR TRÊS VEZES, NAS EXPOSIÇÕES REALIZADAS EM CONJUNTO COM O JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO E, EM EXPERIÊNCIA NOVA, MOSTRANDO PURPURATAS NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO, NA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL, ANTIGO BASTIÃO DE LIBERDADE NESTA CIDADE.

ORQUIDÁRIO SAIU COM REGULARIDADE E QUALIDADE, REFORMULAMOS NOSSA PÁGINA NA INTERNET, QUE TEM RECEBIDO APLAUSOS UNÂNIMES E VAMOS MELHORÁ-LA AINDA MAIS, ESTEJAM CERTOS, INCLUSIVE COM VERSÕES PARA INGLÊS E FRANCÊS, O QUE TORNARÁ CADA VEZ MAIOR A INSERÇÃO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO NO MUNDO ORQUIDÓFILO.

2004 É, AGORA, O DESAFIO.

DESAFIO QUE COMEÇAMOS A VENCER AO DESEJAR AOS Nossos ASSOCIADOS QUE TENHA TODOS UM FELIZ NATAL JUNTO AOS SEUS ENTES QUERIDOS E QUE OREM E MEDITEM PROGNOSTICANDO E AUGURANDO PARA TODOS NÓS UM

FELIZ ANO NOVO. FELIZ 2004.

MARLENE PAIVA VALIM



Moda e Orquídeas

Raimundo Mesquita (*)

Imagine que você fosse um extraordinário leitor de Cervantes e que passasse sua vida lendo, incansavelmente, e sempre recomeçando, o D. Quixote. Ou, de Machado de Assis, o Dom Casmurro. De Dante, a Divina Comédia ou de Shakespeare, os Sonetos.

A mesma coisa com sua coleção de orquídeas. Você anualmente tem que “reler” todas as plantas de sua coleção. É óbvio que, aqui e ali lhe virá algum cansaço, um certo tédio.

A moda e suas variações é o remédio para isso...

É claro que o especialista em Dom Quixote é capaz de descobrir coisas novas, nuances, sutilezas que enriquecem e renovam



Cattleya loddigesii, em foto e cultivo de Raimundo Mesquita

o cavaleiro da triste figura. É claro, também, que o especialista em um gênero só de orquídeas, retira sua paixão da capacidade de encontrar pequenas minúcias que distinguem esta daquela flor.

Mas, mesmo assim, nem mesmo os cultivadores que denominam de monocórdios, estão imunes à moda. Basta ver a evolução recente de certas plantas emblemáticas, como *Cattleya labiata*, *C. loddigesii*, *C. intermedia*, *Laelia purpurata*. A busca de melhoria de forma, padronagem e cor são evidências de que se o produtor trabalha no sentido de aprimorar aqueles padrões, em busca de um grau superior de qualidade e beleza, tudo isto respon-



Cruzamento feliz da Florália: Blc. Yellow Peril x *Laelia praestans*.



de a um padrão ditado pelas necessidades momentâneas do consumidor. Parece inquestionável que a grande função do produtor de moda é detectar tendências e necessidades, antecipando-as, criando a necessidade de consumir exatamente aquele bem, aquele e não outro.

Estou convencido de que sendo a orquidofilia uma prática social, não está nem pode ser imune ao fenômeno moda e, assim, é uma boa ferramenta de abordagem tentar estudar a sequência de modas em orquidofilia, que é o objetivo deste pequeno ensaio.

Não penso, pelo menos por enquanto, em estudar o uso da orquídea como adereço de moda, assunto também valioso e que ofereço a quem quiser desenvolvê-lo. O que persigo como tema de estudo e meditação é a evolução do gosto orquidófilo determinada pela sucessivas ondas do



Slc. Hazel Boyd 'Sweet Hart'. Rod MacLellan 1970.

gosto, em suma pela moda.

Não se tratará aqui de belas e elegantes mulheres, exibindo, nos anos quarenta, símbolos de luxo sofisticação e bom gosto, hoje considerados de agressão à natureza, casacos de peles e orquídeas (o antigo AOS Bulletin, tem ilustrações, com belas modelos usando nos seus "visons" lindas e enormes catleias). Mas isto, também mudou; não faz muito tempo, quando da festa dos 75 anos de fundação da AOS, vi que



Lc. Tyl Belle 'Fantasy'. Criação de Rolf Altenburg nos anos setenta



Lc. Milton Warne 'Premier', criação de R. Warne, 1960



a preferência ornamental se dirigia às “espigas” de *Dendrobium* Ekapol Panda ou a enormes inflorescências de *Oncidium varicosum*.

A minha preocupação atual, no entanto, é de outra ordem.

Penso na coleção montada, ao longo de anos, pelo orquidófilo e concluo que ela é um conjunto de extratos de épocas em que estive-

ram em moda esta ou aquela planta. Isto é o que quero pesquisar como tendência em um momento dado.

Creio que é possível com isto reconstituir a história orquidófila, como pode isto ajudar o historiador da vida cotidiana de uma determinada época a decifrar os signos que a revelam. A

“Imagino a monotonia que teríamos, caso estivéssemos todos, ainda hoje, a examinar *Bc. Pastoral* “Innocence”, *C. Sonia Altenburg*, ou outras plantas da época.”

Álvaro Pessôa, neste número mesmo, pag. 142

coleção de cada orquidófilo é um conjunto, datado, de extratos de épocas em que estiveram em moda esta ou aquela planta.

Grande exemplo disso são os *Phalaenopsis* novelties, ou as *Cattleyas* “splash”, ou “clowns” que tiveram tanta voga nos anos 60/70 e de que o Brasil produziu alguns exemplares de grande qualidade, mas que, como em

qualquer onda da moda, logo cansam o gosto dos consumidores,

que se voltam para tendências mais conservadoras como sempre ocorre - isto, aliás, algo como uma sístole/diástole.

Houve um momento de grande voga das premiadíssimas *Slc. Hazel Boyd* (*Slc. Califórnia Apricot* x *Slc. Jewel Box*), a que



Lc.OrquidaRIO, registrada em 1987 por Alexis Sauer



Phal. Venetian Festival, de 1987. Bom exemplo de *Phal* novelty



se seguiu um esquecimento quase total, sendo substituídas por espécies aperfeiçoadas de *Cattleyas* de pequeno porte, sobretudo *Cattleya loddigesii* e *intermedia* já que o que a moda determinava eram plantas de pe-



Phragmipedium besseae, sua descoberta criou voga nos anos noventa dos *Phragm.* vermelhos.

queno porte.

A questão no meu entender não é a permanente disputa entre os que só entendem que se cultive espécies em contraste com aqueles que só concebem orquidofilia como império do gosto artístico e da liberdade de criar híbridos cada vez mais sofisticados e complexos, seja do ponto de vista botânico, seja do ponto de vista estético. A questão para mim é o sinuoso caminhar do gosto e que tem suas próprias regras, que nada tem a ver com necessidade. Moda é outra coisa, liberdade e capricho.

Vejam bem, vamos olhar uma espécie qualquer em seu estado nativo, uma *Cattleya labiata autumnallis*, as primeiras que, em passado já longínquo, saíram das montanhas e brejos de altitude do nordeste brasileiro e, em seguida, vamos percorrer o longo caminho pelo qual o gosto evoluiu em busca de um padrão superior de harmonia de cores e forma, para concluir que a insatisfação e o cansaço pela repetição - motores da moda e do desejo de inovação - é que nos trouxeram ao estágio atual de gosto e nos levará, por certo, a um outro estágio de qualidade.



Lc. Caçulinha. Criação recente de Alvaro Pessoa, em desdobramento de *Lc. OrquidaRIO*, cruzada com *Lc. Haw Yuan Moon*.

Tomei este exemplo, de espécies, como uma situação extrema em que a influência da moda é mais sutil e dissimulada. Já com híbridos a liberdade



é maior e nos permite identificar com muito maior facilidade os momentos marcantes desta ou daquela tendência de moda. O Brasil, sofrendo, como sofre, o influxo das tendências em outros países geradores de moda, pode exemplificar estes momentos. Apresento alguns exemplares de flores aqui criadas (sobretudo a partir da Florália, de Rolf Altenburg e um pouco menos da Equilab de Adhemar Manarini, o primeiro criando e o segundo importando, mas produzindo ambos seguidores e consumidores fieis.

Depois do grande momento em que as catleias gigantes imperaram sozinhas, passamos pelo período de flores, ainda em tamanho grande, mas já adotando tonalidades pictóricas em que a flor é vista como objeto de arte. Grande exemplo disso são *Lc.Tyl Belle* e as assemelhadas que se fizeram na sua esteira.

Passa-se, em seguida, posto o problema do tamanho da planta que cultivar - por razões econômicas -, para o consumo de mini-catleias, ainda muito coloridas, mas já dando espaço às catleias nativas de pequeno porte, com participação intensa de hadrolelias e sophronitis que, além de permitirem a redução expressiva no tamanho, contribuíam com cores fortes e vibran-

tes para a palheta dos criadores.

Com o aumento do consumo de orquídeas e a massificação da produção, vindo ao mercado novos agentes, as necessidades impostas pela moda, na sua permanente busca pelo novo - ou que aparente ser tal, mesmo que reciclado... -, ganharam espaço muito grande outros gêneros, sobretudo os asiáticos (que, nisso, acompanharam a explosão econômica daquela região) *Dendrobium*, *Phalaenopsis*, *Paphiopedilum* e *Vanda*. Basta ver os catálogos e as listas de registro de híbridos novos para concordar. Os padrões e cores parecem não ter limite e a nossa "orquidoteca" vai nos contando a história da evolução do gosto.

Nota final

O que se lê neste artigo é um pouco a história e evolução da minha coleção, que começou em fins da década de setenta, cresceu fortemente com a incorporação da coleção de Osmar Judice, muito representativa do gosto daquele momento e não foi a toa ter sido ele um dos diletos colaboradores de Rolf Altenburg na concepção de híbridos de um gênero que começava a crescer no gosto florístico brasileiro: *Miltoniopsis*.

raemesquita@globocom



Afinal, que espécie é esta?

Delfina de Araujo

O *Cyrtopodium andersonii* (Lambert ex Andrews) R. Br. é uma espécie que ocorre na América Central se estendendo até o extremo norte do Brasil, aonde aparece nos estados do Amapá, Amazonas e Roraima. Em razão da similaridade, as plantas que ocorrem em outros estados brasileiros vêm sendo classificadas como sendo da mesma espécie.

Atualmente, a classificação destas plantas gira em torno de duas espécies: *Cyrtopodium glutiniferum* Raddi e *Cyrtopodium cardiochilum* Lindl.

Cyrtopodium glutiniferum foi descrito na Itália, em 1817, com base em uma das diversas plantas que Raddi coletou nos arredores da cidade de Rio de Janeiro. Quando comparada com o *Cyrtopodium andersonii*, vê-se que o *Cyrtopodium glutiniferum* tem flores maiores e a sépala dorsal arredondada, enquanto na outra espécie os segmentos são lanceolados e bastante ondulados.

Quanto ao *Cyrtopodium*



Cyrtopodium sp - 1, segmentos amarelos

cardiochilum Lindley, descrito em 1849, supõe-se que a planta utilizada como tipo tenha vindo do Brasil e, ao que tudo indica, John Lindley desconhecia a espécie já descrita como *Cyrtopodium glutiniferum*, pois o tipo depositado por ele, em Kew, é muito semelhante àquele depositado por Raddi.

Lou C. Menezes (1), baseada em estudos realizados com o gênero *Cyrtopodium* no Brasil, concluiu que o *Cyrtopodium andersonii* verdadeiro só ocorre no extremo norte do País (Rorai-



ma) e que as nossas espécies conhecidas como tal correspondem, na verdade, a três espécies diferentes: *Cyrtopodium cardiochilum*, *Cyrtopodium glutiniferum* e *Cyrtopodium polyphyllum* (Vell.) Pabst ex F. Barros (mais conhecido como *Cyrtopodium paranaense* Schltr.).

Gustavo A

Romero-González (2), em seu trabalho denominado '*Notes of the Species of Cyrtopodium*' confirma a ocorrência do *Cyrtopodium andersonii* no Brasil, nos estados do Amapá, Amazonas e Roraima e acrescenta que é perfeitamente possível que esta ocorrência se estenda até o planalto central. Com relação às duas outras espécies, ainda não chegou a uma conclusão, mas tende a acreditar que o *Cyrtopodium cardiochilum* seria um sinônimo de *Cyrtopodium glutiniferum* e que em nossa região, possivelmente, ocorreriam duas espécies diferentes, além do *Cyrtopodium polyphyllum*.

Tive a oportunidade de ter a floração de dois espécimes (*Cyrtopodium* sp. 1 e *Cyrtopo-*



Cyrtopodium sp. 2,
sépalas amarronzadas.

dium sp. 2) ao mesmo tempo e, assim, pude observar uma diferença bastante pronunciada no lobo mediano do labelo e no formato das sépalas e pétalas. Na busca de uma identificação mais apurada, procurei examinar plantas de origens diversas de nosso estado, tanto de área de montanha, como

a nível do mar, inclusive de restinga e encontrei indícios de que é bem provável que ocorram duas espécies diferentes (talvez três). Caso o *Cyrtopodium cardiochilum* seja, realmente, um sinônimo de *Cyrtopodium glutiniferum*, fica uma espécie (ou duas) para ser descrita.

Com referência à espécie que ocorre na cidade do Rio de Janeiro, a única conclusão a que cheguei até agora é que a espécie encontrada no morro São João (Botafogo) é a mesma do morro da Prainha (tamanho e cor são iguais). Os botões são marrons-avermelhados, assim como possui um sombreado marrom bastante intenso, inclusive no dorso das sépalas. A flor tem, aproximadamente, 3,5cm no sentido



longitudinal, a sépala dorsal é bem arredondada e a reentrância do lobo mediano é bem próxima da junção dos lobos laterais (vide flor dissecada, pag. 142). A aparência é bem próxima do desenho apresentado, em "*Orchidaceae Brasilienses*", de Guido Pabst & F. Dungs, como *Cyrtopodium andersonii* e também do desenho de Lindley que acompanha o tipo do *Cyrtopodium cardiochilum*, enviado, gentilmente, pelo Dr. Gustavo Romero para que as comparações pudessem ser feitas.

Já as plantas encontradas em Santa Tereza parecem ser da mesma espécie, porém as flores são bem menores e tanto os botões como os segmentos (mesmo depois da eclosão) são amarelos (não apresentando o sombreado). Estas plantas possuem flores idênticas à fotografia apresentada como *Cyrtopodium* sp. (1). Pode-se verificar que a flor identificando o *Cyrtopodium glutiniferum* apresentada na página 198, do livro '*Genus Cyrtopodium - Espécies Brasileiras*', de L. C. Menezes, é muito semelhante.

Plantas vindas da região de São José do Vale do Rio Preto (região mais elevada) e arredores de Niterói (nível do mar) também apresentam flores idênticas com ligeiras variações de tamanho e colorido. Considerando o desenho de Ronaldo Pangella (3), apresentado na página 110, do livro imediatamente acima citado, pode-se supor que a espécie originária do morro do Pão de Açúcar é também a mesma, assim como as plantas encontradas por Pabst, no Morro da Viúva, na década de 60 e na Gávea, em 1951, se nos guiarmos pela descrição que ele fez em seu trabalho "*Orquídeas do Estado da Guanabara*".

A flor do outro *Cyrtopodium* sp. (2) é maior, as sépalas são bem escuras, possuem o ápice mais

pontiagudo do que arredondado, embora a largura seja a mesma. As pétalas não se sobrepõem às sépalas e são bem mais claras do que estas. A outra diferença é encontrada no lobo mediano, pois, além de ser bem maior, a reentrância é bem distanciada da jun-



Cyrtopodium sp 4 - sépalas amarronzadas.



ção dos lobos laterais. Das amostras que recebi de diferentes origens, nenhuma flor era semelhante a do *Cyrtopodium* sp. (2). A fotografia da página 84, do livro 'Genus *Cyrtopodium* – Espécies Brasileiras' apresenta uma flor com o labelo bastante semelhante, mas os outros segmentos diferem. Na prancha 38, do livro de David Miller e Richard Warren, 'Orquídeas do Alto da Serra', há uma foto de uma espécie que lembra bastante esta, inclusive apresentando o ápice de seus segmentos bem pontiagudo, mas de colorido diferente, apresentando todos os segmentos claros. No entanto, a forma do labelo, apresentada no desenho da página 175, não é a mesma. A planta foi encontrada em Macaé de Cima, a 1.300 m de altitude.

Para dificultar ainda mais o

esclarecimento desta questão, durante a exposição da Orquidário, no Jardim Botânico, em setembro de 2003, a Chácara Bela Vista, de Assis, SP, exibiu uma planta identificada como *Cyrtopodium glutiniferum* com características (tamanho, forma dos segmentos e labelo) bem diferentes das espécies que ocorrem no estado do Rio.

Além disto, recebi outras amostras de outras flores que apresentaram pequenas diferenças. Uma delas pareceu tratar-se de *Cyrtopodium polyphyllum*, embora de dimensões bastante reduzidas.

Espero que, num trabalho conjunto com os especialistas e com base no material herborizado em álcool e prensado, se possa futuramente chegar a um consenso sobre a identificação correta destas nossas espécies.

Notas

(1) Gustavo A Romero-González – Oakes Ames Orchid Herbarium, Harvard University Herbaria, orquidólogo e especialista no gênero *Cyrtopodium* com diversos trabalhos publicados.

2) Lou C. Menezes – Instituto



Cyrtopodium polyphyllum (Barra da Tijuca)



Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Botânica, estudiosa das orquídeas brasileiras, sobretudo do gênero *Cyrtopodium* e autora do livro *Genus Cyrtopodium, Espécies Brasileiras*

3) Ronaldo L. Pangella, artista plástico e ilustrador botânico, realizou um levantamento das orquídeas do morro do Pão de Açúcar

Bibliografia:

- Notes of the species of *Cyrtopodium* (Cyrtopodinae, Orchidaceae) from the Venezuela Guayana, Gustavo A. Romero-Gonzalez; Harvard Papers on Botany Vol 4 n°2.

- Genus *Cyrtopodium* – Espécies Brasileiras – L. C. Menezes.

- Orquídeas do estado da Guanabara, G. F. J. Pabst, Orquídea – 1966, 282-283.

- Orquídeas do Alto da Serra da Mata Atlântica Pluvial do Sudeste do Brasil, David Miller e Richard Warren.

- Orchidaceae Brasilienses – Guido F. J. Pabst & F. Dungs



Flor dissecada – *Cyrtopodium* encontrado em Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

- Iconografia de Orchidaceas do Brasil, F. C. Hoehne

**Delfina de Araujo
(Brazilian Orchids)**

**[http://
www.delfinadearaujo.com](http://www.delfinadearaujo.com)**

Fotografia: Sergio Araujo
**[http://
www.sergioaraujo.com](http://www.sergioaraujo.com)**



Cycnoches herrenhusanum

Rudolf Jenny e Gustavo Romero
(Trad. Waldemar Scheliga)

Poucos gêneros na família das orquídeas, do ponto de vista taxonômico, são tão difíceis e confusos como *Cycnoches*. Isso é motivado por razões diversas, entre as quais está o fato de que todas as espécies de *Cycnoches* produzem flores de formas particulares. Acontece que, em florações sucessivas, surjam, só, inflorescências mistas, com flores femininas, masculinas ou em mistura das duas. As inflorescências mescladas possuem as mesmas características das formas das flores masculinas, mas são, em geral, estéreis. Ainda é totalmente desconhecida a razão para o aparecimento de duas formas de flores. Sabe-se, apenas, que a incidência de luz solar direta tem influência nesse fenômeno. O gênero abrange espécies em que as flores masculinas e femininas com a mesma aparência, ao lado de espécies em que as duas formas de flores diferem muito. Em geral as flores femininas de todas as espécies são extraordinariamente parecidas. Tanto assim que a diferenciação, mesmo em espécies afins, é quase impossível, em prin-



Foto Preissler

Cycnoches herrenhusanum, planta tipo

cípio, baseando-nos no mesmo critério.

O gênero poderá ser dividido em duas seções, na primeira *Cycnoches* (*Eucycnoches*), na qual as espécies em sua forma floral se assemelham (por exemplo: *Cycnoches chlorochilon*) e a seção **Heterantae** cujas espécies apresentam flores masculinas e femininas muito diferentes (por exemplo: *Cycnoches egertonianum*). Em face disso não é de admirar que várias vezes a mesma espécie ter sido descrita com base nas flores masculinas e, igualmente, com base nas flores femininas. Essas descrições simultâneas contribuíram para a confusão na classificação das espécies de gênero.

A história de *Cycnoches* trata claramente os problemas



Foto Jenny

Cycnoches aureum, flor masculina

causados pela forma particular das flores. *Cycnoches loddigesii* foi descrita por LINDLEY em 1832, seguida, em 1836, de *Cycnoches cucullatum* LINDLEY. No mesmo ano floriu no orquidário da Horticultural Society, na Inglaterra, para grande espanto de LINDLEY, uma planta com inflorescência de flores de uma *Cycnoches loddigesii* e uma segunda inflorescência na mesma planta com flores de *Cycnoches cucullatum*. LINDLEY deduziu, daí, que o gênero se encontrava num processo de transformação espontânea. BATEMAN, em sua obra monumental “The Orchidaceae of México and Guatemala”, menciona uma outra espécie, *Cycnoches egertonianum*. O desenho retrata, porém, flores masculinas de duas espécies diferentes na mesma planta, sendo uma de *Cycnoches egertonianum* e outra de *Cycnoches ventricosum*. Certamente o desenhista de BATE-

MAN julgou que as flores dessa planta eram iguais e idênticas às da outra planta, ou seja, *Cycnoches ventricosum*. Quando surgiram flores de *Cycnoches egertonianum* com flores da mesma planta, as outras tinham murchado. Assim ele desenhou no lugar de uma inflorescência, as presumidas flores vivas de uma outra planta.

Também LINDLEY caiu nessa armadilha quando publicou, em 1843, no “Edwards Botanical Register” a gravura de uma inflorescência mista com algumas flores masculinas e uma segunda flor híbrida. Essa inflorescência fez com que LINDLEY declarasse: “what with such cases as this... all ideas of species and stability of structure in the vegetable kingdom are shaken to their foundation” ou seja: “com casos como este, todas as nossas idéias quanto a uma espécie e a estabilidade das estruturas no reino vegetal ficam abaladas até os alicerces”.

Somente em 1862 Charles DARWIN descobriu a verdadeira maneira de ser das flores em *Catasetum* e vem, daí, o verdadeiro conhecimento sobre *Cycnoches*, antecipando, também, a existência de hermafroditismo em flores de *Cycnoches*. Só mais tar-



de reconheceu-se que as diferenças das espécies de *Cycnoches* ocorrem apenas nas flores masculinas. Como o conhecimento dessas diferenças é muitas vezes mínimo, no grupo das espécies próximas, por exemplo, de *Cycnoches egertonianum*, somente pelos numerosos apêndices do labelo e a forma, tem causado longas polêmicas entre os orquidólogos. Alguns criam para cada pequena diferença uma nova espécie, enquanto que, outros, reúnem todas as espécies numa única. Depois do estudo mais acurado do mecanismo de polinização em *Cycnoches*, ficou constatado que o agente polinizador era exclusivamente atraído pelo odor das flores. Nesse caso muitas vezes a morfologia de espécies são diferenciáveis por um certo odor completamente diferente e assim um, ou, pelo menos, poucos polinizadores específicos. Esse efeito do isolamento reprodutivo contribuiu para que até hoje se procurem novos argumentos para confirmar ou criar uma “taxa” e, assim, estabelecer uma certa ordem na nomenclatura.

Segundo opiniões vigentes, *Cycnoches* abrange entre 30 a 35 espécies. Por outro lado, para a existência do caos, é o fato de que as espécies de *Cycnoches* na na-



Foto Preissler

Cycnoches egertonianum,
flor masculina

tureza não são raras. Porém em cultivo raramente existem e, em geral, depois de pouco tempo morrem. Existe relativamente pouco mate-

rial disponível para comparações. Todas as espécies de *Cycnoches*, assim como o gênero afim *Mormodes*, são mais difíceis de cultivar do que o gênero *Catasetum*. A espécie aqui descrita pertence à seção **Heterantae** e assim as espécies cujas flores masculinas e femininas são muito diferentes. Inquestionavelmente tem mais afinidade com *Cycnoches diana*, *Cycnoches peruviana* e *Cycnoches aureum*. É, contudo, diferenciável pelo apêndice curto e largo do labelo que é claramente diferente. Como muitas vezes acontece, essa planta foi, simplesmente, coletada e entregue ao cultivo com o nome *Cycnoches* e só mais tarde verificou-se que não era possível enquadrá-la com acerto satisfatório e seguro. A planta foi coletada por Günter-HUBEIN de Berlim, na Colômbia em 1978. No mesmo ano a planta passou para a coleção dos jardins de



Herrenheuser em Hannover, o que explica porque a planta sobreviveu tanto tempo. Sob os excelentes cuidados de cultivo, o único exemplar cresceu e floriu várias vezes. Tem sido descrita como uma espécie nova. Em 1990 recebemos dos jardins de Herrenheuser, entre outras espécies, algumas flores dessa planta conservadas em álcool, para serem classificadas. Logo a um exame superficial e comparativo das espécies até então descritas ficou evidente tratar-se de uma espécie nova. Do mesmo modo, a comparação com as várias espécies de *Cycnoches* publicadas por DODSON e seus auxiliares em "Icones Plantarum Tropicarum", não deu resultado. Assim, também, pesquisas nos herbários de AMES em Harvard, LINDLEY, em Kew, REICHENBACH, em Viena, foram infrutíferas, assim como entre as descritas por SCHLECHTER e publicadas e ilustradas por MANSFELD, após a morte de SCHLECHTER, não combinavam com a planta de Herrenheuser. Muito notáveis em *Cycnoches herrenhusanum*, em comparação com outras espécies, as sépalas e pétalas das flores masculinas, mais largas e dando-lhe um aspecto mais compacto e maior. Em muitas outras espécies

do grupo *Cycnoches egertonianum* em comparação com *Cycnoches herrenhusanum* inquestionavelmente também pertence, as pétalas e sépalas são mais estreitas e retroflexas.

Devido ao fato de as pétalas e sépalas serem posicionadas lateralmente são mais estreitas, as flores de *Cycnoches herrenhusanum* aparentam tamanho maior. Também a inflorescência dá a impressão de ser maior e mais compacta. Somente *Cycnoches dianae* e *Cycnoches aureum* apresentam pétalas e sépalas mais largas e flores masculinas mais fechadas.

O labelo é circundado de 8 apêndices duplos de vários tamanhos na orla de duas excrescências e, no centro, em forma de coluna de vários tamanhos. O lobo central é isento de qualquer apêndice.

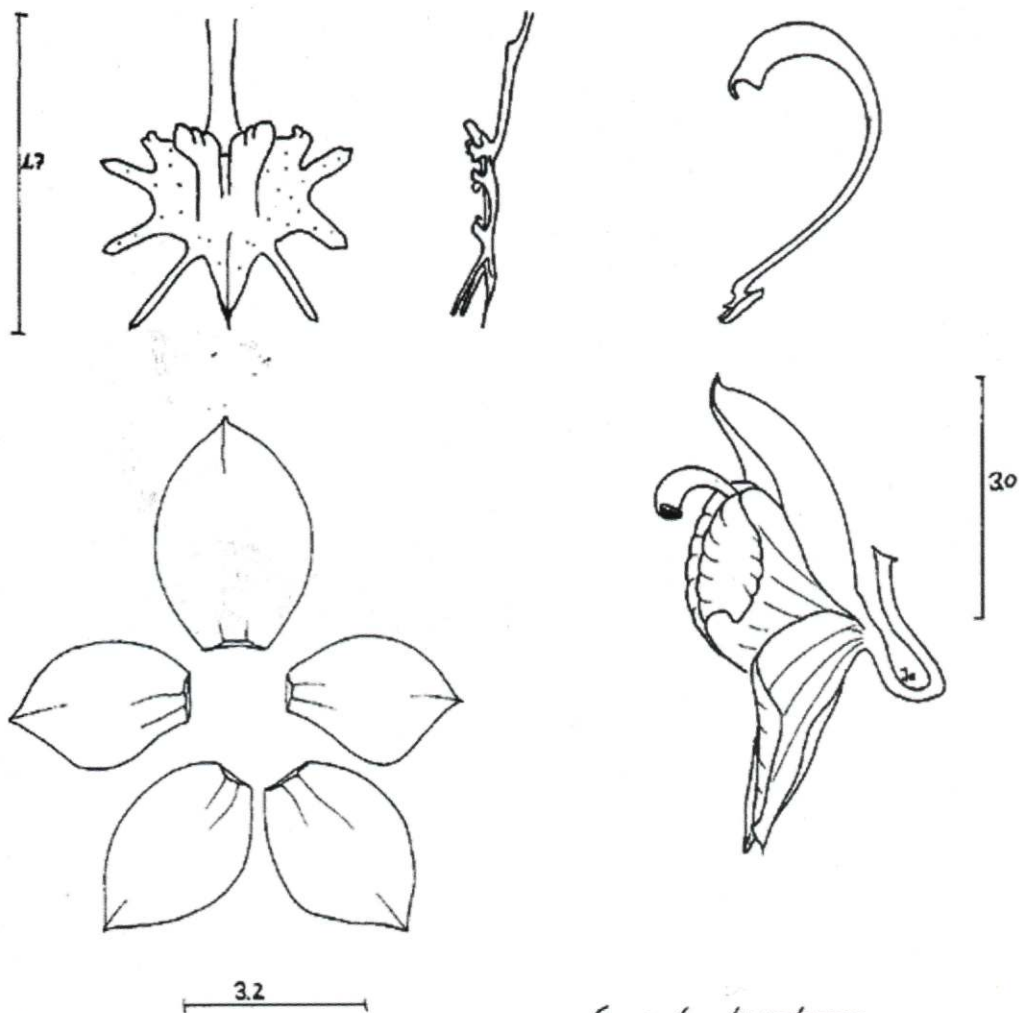
Cycnoches herrenhusanum é a única espécie com um labelo tão simples e plano, lobo central triangular acuminado e um disco de constituição absolutamente plano.

Rudolf Jenny
Moosweg 9

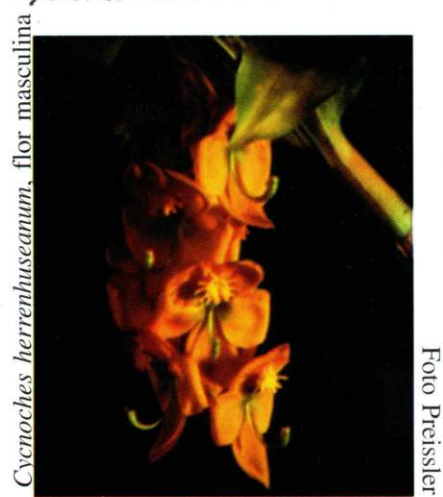
CH - 3112 Allmendingen -
Suíça

Dr. Gustavo Romero
Harvard University
Herbaria

Cambridge, Massachusetts - USA



Cycnoches herrenhusana





As belas *Cattleyas* semi-albas

Carlos Eduardo Martins Carvalho (*)

A beleza dos híbridos semi-alba tem encantado muitos orquidófilos de todo o mundo, pelo contraste existente entre o colorido das pétalas e sépalas, alvas, com o labelo colorido. Este padrão de colorido floral é, portanto, a meta de muitos hibridadores que buscam a perfeição de suas criações.

Os três gêneros *Cattleya*, *Laelia* e *Brassavola* (*Rhyncolaelia*) da aliança *laelinae*, são os predominantes nos modernos híbridos existentes. Para entendermos o estado da arte em híbridos com esta padronagem devemos atentar para as espécies nativas que participam das linhagens bem como alguns híbridos primários.

C. aurea, nativa da Colômbia, é o que se chama de semi-amarela, seus híbridos podem gerar descendentes de coloração de pétalas e sépalas amarela, lilás, rubra, púrpura e também albas, sendo predominantemente de colorido intenso no labelo.

C. dowiana: esta bela amarela, originária da Costa Rica, as-



Pastoral 'Innocence'. Prestem a atenção na variação de cor no labelo, numa mesma planta. A da esquerda apresenta um franjado rosa, enquanto que a outra é uma *Innocence* típica. Cultivo e foto R. Mesquita

semelha-se muito a *C. aurea*, sabe-se que seus híbridos geram predominantemente flores escuras. É difícil distinguir nos registros de híbridos, pois a *C. aurea* era tida como a mesma espécie.

C. gaskelliana: nativa da Colômbia, possui grandes flores duráveis, que são atrativos para híbridos para corte de flor.

C. labiata: tem a sua origem no nordeste brasileiro, existem muitos cultivares de padronagem semi-alba, mas pouco ou quase nada se sabe sobre a identidade dos que transferem este padrão para seus descendentes.



C. lueddemanniana: Ocorre na Venezuela e está presente em muitos dos modernos híbridos.

C. mossiae: nativa da Venezuela, esta espécie possui fantásticas flores em plantas compactas de bom crescimento. O cultivar “Reinechiana” tem sido mencionado como padrão semi-alba.

C. warneri: tem sua ocorrência nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. As belas warneris têm sido pouco utilizada em híbridos apesar de seu potencial genético. Vários cultivares semi-alba são conhecidos, a “Gloedeniana” é uma das mais populares.

C. warscewiczii: a espécie colombiana uma das mais utilizadas nos híbridos semi-alba. O cultivar “Frau Melanie Beyrodt” = *C. gigas* “FMB”, figura entre os prediletos nos cruzamentos.

C. trianaei: entre as colombianas a trianaei é a mais popular nos cruzamentos. A riqueza de variedades e a época de floração no hemisfério norte tornaram a trianaei a favorita dos híbridos.

dadores.

L. purpurata: nativas do sul do Brasil, elas passam a descendentes o vigor de crescimento e o número de flores em racemos florais bem armados. Muitos cultivares são conhecidos apresentando a padronagem semi-alba.

B. digbyana: apesar desta espécie ter flores albas ou esverdeadas, possui gens recessivos de cor e dominantes com relação ao tamanho do labelo. Muitas das semi-albas que conhecemos são originadas da tentativa de se obter amarelas, em híbridos complexos.

É importante ressaltar que este padrão de colorido das flores depende fundamentalmente da natureza genética das espécies envolvidas. Podendo algumas ve-

zes o cruzamento de duas plantas semi-albas resultar em flores coloridas (pétalas e sépalas). O contrário também pode ocorrer, isto é, podem surgir em alguns lotes de cruzamentos de plantas coloridas, flores semi-albas. Como exemplo pode-



Lc. Sheila Lauterbach ‘Equilab’, FCC/AOS. Cultivo Hans Frank. Foto Etelvino Rodrigues



mos citar dois clones selecionados: Lc. Summer Belle “Miss Liberty” (Lc. Princess Margareth X C. gigas) e a Blc. Roberto Cardoso “Spring” (Lc. Alfredo Martinelli X Blc. Dark Waters).

Um dos híbridos mais populares do padrão semi-alba a C. Enid (mossiae X warscewiczii) registrado por Veitch em 1898, tem como expoente o cultivar “Butterfly” utilizado amplamente por hibridadores brasileiros e estrangeiros. Particularmente alguns dos híbridos feitos no Brasil tem ganho destaque no cenário das grandes exposições nacionais e internacionais.

A C. Sonia Altenburg (C. Enid X C. Nerto), foi um feliz cruzamento feito por Rolf Altenburg e registrado em 1963. As plantas compactas produzem de três a quatro flores por haste e a padronagem do colorido segue a da C. mossiae “Reinechiana”.

Outro grande sucesso a Blc. Enid Moore (C. Enid X Blc. June Moore), Rolf Altenburg, 1980, tem no cultivar “Magnificent” um dos seus expoentes.

A C. Mother Dominican (C. Sonia Altenburg X C. trianaei) Rolf Altenburg 1980, teve como objetivo obter plantas superiores a C. Clotho (C. Enid X C. trianaei).



Cattleya Enid. Um híbrido semi-alba clássico. Gerador de importante descendência, entre que se destacam as brasileiras Blc. Enid Moore, Bc. Capitão Pessoa e Euridice Caetano. Foto e cultivo, Roberto Agnes.

O retrocruzamento Blc. Captain Pessoa (C. Enid X Blc. Enid Moore) Rolf Altenburg 1985 teve o cultivar “Florália” contemplado com um HCC de 76 pontos.

A Lc. Mother Cynthia (Lc. Cynthia X C. Mother Dominican) Roland B. Cooke (R.A) 1995, recebeu da C. Cynthia o vigor de crescimento e colorido intenso do labelo.

Como não poderia deixar de ser, o clássico da orquidofilia brasileira a Bc. Pastoral (Bc. Deese X C. Mlle. Louise Pauwels) registrada por Rolf Altenburg em 1961 tem como cultivares semi-alba a “Innocence”, a “Aniel Carnier” e a “Roseé”.

A mente do hibridador está sempre objetivando superar o já



existente, e foi pensando assim que Exdra Porto criou a Bc. Eurídice Caetano (C. Enid X Bc Pastoral) registrada por Roland B. Cooke 1995.

Outros híbridos que merecem destaque são a Bc. Caio Ramos (C. Francis T. C. Au X Bc. Pastoral) Equilab 1991 e a Blc. Castle Princess (Bc. Pastoral X Blc. Enid Moore) Roland B. Cooke 1995.

De todos os híbridos de semi-alba nacionais, nosso maior reconhecimento foi dado a Lc. Sheila Lauterbach (Lc. Barbosa Rodrigues X Lc. Semaphore) Waldemar Silva 1980. O cultivar "Equilab" recebeu em 2000 um

FCC (first class certificate) 90 pontos da American Orchid Society. Este fato mostra o avanço e a qualidade dos nossos híbridos sendo reconhecidos no exterior mesmo 20 anos após seu registro.

O altíssimo nível de trabalho feito pelos hibridadores brasileiros não tem recebido o valor merecido no Brasil através de um sistema nacional de divulgação dos cultivares superiores, conferindo a eles premiações que incentivem o aprimoramento dos híbridos.

e-mail: cemc@vm.uff.br



Sérgio Barani é um continuador da linha de Rolf Altenburg, como se pode ver nessa excelente semi-alba, Bc. Roberto Agnes, que descende de Blc. Captain Pessoa em cruzamento com C. Mother Dominican. Foto de Roberto Agnes e cultivo da ARANDA.



Oncidium Crispum Lodd.

Carlos Eduardo de Britto Pereira

A nossa capa mostra um magnífico exemplar de *Oncidium crispum*, a planta ganhadora da exposição de primavera da Orquídeas do Rio, “Orquídeas no Jardim”, que aconteceu em setembro no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

O *Oncidium crispum* foi descrito por Loddiges em 1832, no volume XIX do Botanical Cabinet. Loddiges havia recebido plantas da Serra dos Órgãos no Estado do Rio de Janeiro, enviadas por um dos irmãos Harrison, um comerciante e orquidófilo inglês. Aliás os irmãos Harrison, Arnold, Richard e William, foram descobridores de várias orquídeas e, por causa disso, o nome da família foi homenageado em algumas espécies, como por exemplo, no *Oncidium harriso-*

nianum Lindl.

O aparecimento do *O. crispum* logo causou furor no universo horticultural europeu. Primeiro, pela beleza, colorido exuberante e tamanho de suas flores, de até 8 cm de diâmetro. Segundo, de acordo com o texto de Harrison que acompanhou a planta que foi descrita, o número de flores presentes na sua haste floral, de 50 a 60 flores.

Apesar das dificuldades de seu cultivo na Europa, foi uma

espécie muito valorizada e cultivada em todo o século XIX, como também muito presente nas exposições de orquídeas da época. Por conta disso, alguns clones de colorido diferente foram sendo conhecidos e essas variedades de cor foram sendo registradas ou devidamente descritas, como men-





cionado mais adiante.

De modo geral, o *O. crispum* possui pseudobulbos robustos, agregados (próximos uns aos outros), com duas ou três folhas coriáceas no ápice, de colorido verde, arroxeadado ou marrom. Sua inflorescência é normalmente grande, ramificada e com muitas flores. As flores possuem bordas onduladas ou crespas, daí o nome da espécie e têm um colorido variando do castanho ao marrom chocolate, com uma mancha amarela viva, que preenche o istmo e adentra o lobo frontal do labelo. As pétalas e sépalas são largas e conspícuas, ou seja, de tamanho compatível com os outros segmentos florais, no caso o labelo, sendo as sépalas laterais soldadas em praticamente a metade de sua extensão, o que as faz ficar escondidas atrás do labelo, quando a flor é vista de frente. O labelo é trilobado, com lobos laterais bem pequeninhos e voltados para cima, istmo relativamente longo e lobo frontal grande e arredondado. As asas da coluna são grandes e de colorido arroxeadado.

Duas variedades e algumas formas de cor foram descritas para o *O. crispum*:

A variedade b *rodriguesii* Cogn., descrita por Cogniaux em 1906, com pequenas diferenças

morfológicas em relação ao tipo da espécie, como na sépala dorsal e nos lobos laterais do labelo.

A variedade g *sublaeve* Rchb. f., descrita em 1872 por Reichenbach, quase sem ondulações e com diferenças na calosidade.

Já as formas de cor foram diversas:

A *lionetianum* Cogn., descrita em 1899, caracterizada por ter flores com segmentos florais maiores e mais unguiculados e ter o colorido marrom com bordas amarelas claras e estreitas, podendo ter também manchas esparsas dessa mesma cor. A mancha central, característica da espécie, é maior e de tom amarelo limão.

A *limbatum* Cogn., descrita em 1898, com as bordas debruadas.

A *olivaceum* Rchb. f., descrita em 1877, de flores com a cor puxando para o verde oliva, sem a mancha amarela no centro.

A *ochraceum* Rchb. f., descrita em 1888, com colorido ocre, um marrom claro leitoso, podendo ter manchas como marcas d'água.

Finalmente, a *flabellulatum* Linden, de 1892, cuja descrição eu não conheço.

Além dessas formas descritas, também existem formas so-



mente registradas de plantas que apareceram em exposições.

A *flavum* Hort. (1896), de flores amarelas, a *aureum* Hort. (1898), possivelmente de flores com mais amarelo e brilhantes, a *atropurpureum* Rchb. f. (nomen tantum) (1857) e, finalmente, a *grandiflorum* Hort., de 1870, de flores maiores, que levou a muita confusão na identificação das espécies do grupo ao logo dos tempos.

O nome *O. crispum grandiflorum* levou a erros na identificação de três espécies distintas: o próprio *O. crispum*, o *O. praetextum* Rchb. f. e o *O. enderianum* Hort. Alguns cultivadores passaram a chamar de *O. crispum grandiflorum* qualquer planta de *O. crispum* e de *O. crispum* as plantas das duas últimas espécies.

O *O. praetextum*, erroneamente identificado como *O. enderianum*, é uma espécie próxima ao *O. crispum*, embora as diferenças entre eles sejam facilmente identificadas. O colorido é o mesmo, mas o *O. praetextum* não é crespo, o que faz o balanço da flor ser diferente e tem a calosidade bem diferente. Além disso, a época de floração é outra. O *O. crispum* floresce na primavera e o *O. praetextum*, no

outono. Acredito, inclusive, que essa má identificação já ocorria no século XIX, já que o *O. praetextum*, que é uma espécie tão comum e com uma dispersão tão ampla, só foi descrito em 1873, quando a grande maioria das espécies comuns já havia sido descrita.

O *O. enderianum* apareceu em 1892 em uma exposição na Inglaterra e, na ocasião, foi considerado como um híbrido natural entre o *O. crispum* e o *O. curtum* Lindl. É uma planta rara que eu, particularmente, talvez nunca tenha visto.

Voltando à exposição “Orquídeas no Jardim” e apreciador do gênero *Oncidium* como sou, gostaria de concluir com o seguinte comentário: torço para que, o fato de uma planta de *O. crispum* ter ganho o primeiro prêmio em uma exposição do porte e da importância da que ocorreu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, incentive mais orquidófilos do Rio de Janeiro e do Brasil a cultivar as espécies do gênero e a enriquecer as exposições com a exuberância das inflorescências de suas plantas.

carlosed@int.gov.br



DESAFIOS DA HIBRIDAÇÃO

Final

Álvaro Pessoa

Quando a clonagem de vegetais alcançou as orquídeas, pelos idos de 1950, um expressivo número de orquidófilos achou que a produção de novos híbridos tinha chegado ao fim. Era a opinião do Rolf Altenburg e Jorge Verboonen. Achavam que o padrão de excelência já existente, faria com que o mercado preferisse comprar meristemas e não híbridos. Foi um equívoco deles!

Seis meses depois do choque, os orquidófilos do mundo todo, voltaram a produzir híbridos com a maior intensidade, certos de que a procura da beleza, do exótico, de novas cores, não vai parar de desenvolver-se nunca. Daí o aparecimento de frequentes novidades, que acabam evoluindo então para o meristema.

Quando se verifica, pelo Boletim da *Royal Horticultural Society*, o imenso número de híbridos produzidos a cada trimestre, ficamos verdadeiramente surpresos com o aumento de volu-

me. Imagino a monotonia que teríamos, caso estivéssemos todos, ainda hoje, a examinar Bc. Pastoral "Innocence", C. Sonia Altenburg, ou outras plantas da época.

Evoluimos para muito mais e muito melhor. A orquidofilia brasileira atingiu novos horizontes. Se de um lado o número de aficionados colecionadores encolheu, surgiu uma nova categoria de orquidófilos: a dos que não querem hibridar/criar plantas novas, mas querem tê-las em casa. Por isso, em suas casas de campo têm uma estufa, mas contratam um orquidófilo para cuidar delas.

Ao lado de novos híbridos sensacionais criados, intensificou-se a importação de meristemas de rara e intensa beleza, dos quais o Orquidário Binot detém quase que o monopólio de venda no Estado do Rio de Janeiro.

A desejada durabilidade das flores, ponto mais fraco da família *Cattleya*, *Laelia* e afins, foi suprida com doses maciças de adubo fosfatado, o que permite me-



lhora enrijecimento dos tecidos da flor e permite maior durabilidade. Novos adubos e hormônios, levaram à obtenção de floradas fora de época. Já temos adubos brasileiros com a formulação 15-50-20 destinados a induzir a floração e fazê-la maior e melhor. Hormônios bem aplicados em *Phalenopsis*, levam-nos a florir em qualquer época do ano, enquanto que gelo colocado nos *Cymbidiums* deflagra florações precoces.

Trata-se de uma guerra mágica e quase mística, para a obtenção de plantas floridas destinadas à venda. Tudo isso não impediu que a hibridação seguisse seu rumo. Intensa e vigorosa como se nada disso estivesse acontecendo.

Acontece que a crise foi braba; os clientes estão em recesso e prudentes. Estamos vendendo orquídeas no Brasil com o preço abaixo do praticado pelos orientais e pelos holandeses. O tempo é bom para os compradores e mau para os produtores. O mercado está inundado de plantas floridas a um custo incomparável com outros tempos.

Todavia, os orquidófilos continuam cruzando e produzindo,

e sobretudo surpreendendo com os produtos criados. Agora, porém, em plena época da venda maciça de plantas em flor, quem deseja meristemar, deve observar alguns conselhos daquele que é, hoje em dia, pelo seu talento, perseverança e capacidade de observação, o maior orquidófilo do Brasil, Amândio Pinho Caetano.

Por isso, antes de meristemar um híbrido especialmente bom, observe sobretudo:

1. se a planta não pinta com facilidade (pinta negra) em condições normais de unidade relativa do ar;
2. se a planta é de fácil cultura e bom enraizamento;
3. se as flores escuras resistem às temperaturas altas do verão e do Norte do Brasil;
4. se a haste é suficientemente longa e resistente, permitindo boa apresentação;
5. se o conjunto e a apresentação são perfeitos e a planta muito florífera;
6. se o indivíduo é resistente a pragas e vírus.

(*) Álvaro Pessoa

email:

pessoa@apadv.com.br



A MIRMECOFILIA NA FAMÍLIA ORCHIDACEAE.

Parte II.

Considerações sobre a convivência de formigas com orquídeas.

Antonio Ventura Pinto

mundo, como também em esmiuçá-lo ao rigor das ciências biológicas.

As formigas são vistas não só residindo em raízes, bulbos, touceiras de algumas orquídeas, bem como regularmente presentes em visitas, passeando de um lado a outro, de modo pertinaz por sobre as plantas, aparentemente sem uma intenção definida.

Por que as formigas tem estas atitudes? Muitos podem ser os motivos, mas, de modo um tanto simples, talvez atuem por diversos motivos: à coleta de eventuais vantagens nutricionais fornecidas pelas plantas, por exemplo, seivas vegetais extraflorais e néctares açucarados, ou porque preferem aninhar sua prole em cavidades vegetais protetoras, bulbos fendidos e touceiras de raízes, locais de possível proteção contra predadores de formigueiros. Outra atividade curiosa, mas não menos importante, podemos destacar o febril ma-



Figura 1: Pulgão Orquidófago

O artigo anterior abordou a polinização de orquídeas por formigas, uma das mais inopinadas concupiscências na sexualidade das orquídeas. Em continuação à mirmecofilia das orquídeas, apresentamos na presente parte a convivência no habitat de formigas com orquídeas. Este tema há muito vem despertando a curiosidade de especialistas, suscitando estudos voltados ao descortinar dos subjacentes códigos evolutivos controladores da afinidade entre animais e plantas; um aspecto muito importante na compreensão da vida sobre a terra. A sabedoria implica não só na emotiva observação das coisas do



Figura 2: Vaquejada por Formigas Cowboys

nejo de pulgões sobre a superfície vegetal, controlado por formigas, tal como fazem os fazendeiros com o gado bovino em pastagens. Em atividade no habitat, as formigas são transportadoras de muitas pragas. Nas orquídeas estes insetos usam os pulgões para sugar o tecido vegetal, objetivando obter deles defecações açucaradas alimentícias, como fosse ordenha de vacas. As formigas criam pulgões, enquanto o homem é criador de vacas leiteiras.

O cativeiro de pulgões por formigas se constitui em um dos mais intrigante aspecto da etologia, e, por isso mesmo, não menos fascinante. As formigas desenvolveram a capacidade de subjugar um outro inseto, os pulgões, explorando-os com auxílio compulsório de inocentes orquídeas. O uso das orquídeas para tal fim faz-se via uma cadeia alimentícia seqüencial. Sumos celulares das orquídeas são inicialmente sugados pelos pulgões,

passando por digestão e eliminados na forma de dejetos adocicados, que de modo voluptuoso são sorvidos pelas formigas. Sem muitas surpresas, as formigas praticam a escatofagia, uma forma de alimentação a qual o homem ainda tem repugnância e nojo. Muito bem antes de o homem domesticar animais, já as formigas manejavam pulgões, similar à prática da ordenha. Será que a humanidade aprendeu a domesticar os animais com as formigas?

Salta aos olhos (ou às antenas?) que as orquídeas são pastos de pulgões, uma utilidade não muito nobre para estas plantas.

Indigno, num descuido de sua grandeza, a natureza condenou os vegetais a serem fontes produtoras, enquanto os animais são ferozes consumidores, um moto-perpétuo sustentando a vida sobre a terra. Por que são as plantas os seres mais sacrificados no ciclo evolutivo da vida?

Embora não de todo desvendado, na triangulação formiga-pulgão-vegetal, o prejuízo recai sobre as orquídeas, que servem não só de provedoras alimentares, como também são moradas de formigueiros e pastos para pulgões.

Aparentemente inocente e romântico, contudo o pastoreio



de pulgões traz consequências nefastas para as orquídeas. Ao sugar por sobre a superfície do vegetal, os pulgões provocam fissuras, portas de entrada que facilitam infecções por fungos, bactérias e vírus. Ao explorar os pulgões, talvez sem dolo, as formigas geram uma expectativa de real perigo à vida das plantas. No seu modo operante, de modo atávico à cata de novos tecidos suculentos, as formigas transladam os pulgões de um lado para outro sobre a superfície do vegetal, um manejo que tende a alastrar os locais de possíveis infecções, espalhando microrganismos pela topologia vegetal. Deve-se enfatizar que a movimentação das formigas também se constituiu num problema para centros cirúrgicos, uma rota de contaminação hospitalar.

De forma um tanto conflitante, há ainda quem veja com bons olhos o simples passeio de formigas sobre orquídeas como um benefício aos cultivadores, um alerta indicativo de infestação de pulgões e (ou) infecções microbianas potenciais. O romantismo e a inocência ainda fluem nos corações de orquidófilos.

No pastoreio de pulgões por formigas, o maior dolo às orquídeas vem das formigas, com

os pulgões de comparsas. Deveriam de ser ambos processados por formação de quadrilha, inclusos no artigo 288 do código penal. As orquídeas por testemunha.

Até hoje, desde origens remotas, as orquídeas são imoladas no calvário da natureza, sendo exploradas tanto por vertebrados como também por invertebrados, ambos de igual malignidade. Todavia, uma pergunta ainda jaz sem completa resposta, ribombando pelos confins da via Láctea: será benéfica às plantas a pastoral dos pulgões? Alguns ecologistas acreditam que a presença de formigas por sobre os vegetais tem uma certa atuação benéfica compensatória, pois que agueridas como são, tendem a afugentar outros insetos sugadores, diminuindo assim a taxa de risco de vida das orquídeas. Se for este o caso; aleluia, aleluia!

Sob um ponto de vista lógico formal, o relacionamento entre formigas e orquídeas pode ser compreendido, no seu aspecto mais comum, como uma associação em que ambos participantes aparentemente são beneficiados na convivência mútua (*mutualismo*). Em síntese, *mutatis mutantis*, supõe-se que as orquídeas não só são fontes de alimen-



tos a estes insetos, bem como servem de abrigo às panelas formigais. Em troca, as orquídeas estão à proteção de eventuais predadores, que se vêem importunados pelas formigas guerreiras, protetoras da moradia. Outra vantagem na residência de formigas em raízes e cavidades de bulbos decorre do aproveitamento de nutrientes orgânicos e minerais pelas plantas, matérias presentes nos detritos dos formigueiros. Não sem coincidência, observações no campo indicam que as plantas epifíticas, de difícil acesso aos minerais terrestres, estão entre as mais mirmecófilas da família. Na febril movimentação a cata do próprio sustento, as formigas também trazem intencionalmente para junto das plantas elementos importantes para um bom desenvolvimento vegetal. Por este motivo, algumas orquídeas, como *Epidendrum imatophyllum* e espécies de *Coryanthes*, coletadas na natureza, são de difícil cultivo em cativeiro, principalmente pela falta de detritos aos quais estão viciadas, que faltam quando estão aprisionadas em orquidários.

No mutualismo, ambos seres são assim beneficiados, mas nenhum depende inevitavelmente um do outro para a plenitude da vida. É muito comum supor-

se que as orquídeas vivem com as formigas uma relação do tipo simbiose, condição em que uma espécie não vive sem uma outra. Todavia, este tipo de relacionamento entre formigas e orquídeas ainda não foi de todo cientificamente caracterizado, apenas concebível como hipótese de trabalho.

Há, também, a possibilidade de que a relação entre estes dois reinos distintos seja do tipo inquilinismo, condição onde apenas uma espécie se beneficia sem, no entanto, prejudicar a outra espécie associada.

No inquilinismo, a espécie beneficiada obtém abrigo ou ainda arrimo nutricional às expensas da espécie associada. Um contundente exemplo deste tipo são as bromélias e orquídeas epífitas (inquilinos), que se fixam no tronco das árvores, onde obtém abrigo, proteção e condições de viver, sem, entretanto, fornecer em troca contribuição à vida das árvores. Talvez o convívio de formigas em algumas orquídeas possa ter, em alguns casos, a aparência de inquilinismo, onde as formigas são a parte bem mais beneficiadas.

Não sem razão, aqui abordamos o assunto em uma linguagem genérica, em vista às contro-



vérsias e opiniões dispares quando se discute as relações entre espécies diferentes, principalmente em se tratando de formigas associadas com plantas. Dinamite pura!

O único consenso comum entre as formigas e as orquídeas reside na grande diversidade de espécies que estas duas famílias possuem, além da ubiquidade de ambos reinos ao redor do mundo. Outros pontos em comum entre orquídeas e formigas são as eventuais e fortes emoções que ambos grupos despertam com iguais intensidades nos orquidófilos, todavia de qualidades dispares e diametralmente opostas; de um lado o amor às plantas, do outro, a ojeriza aos insetos. Apesar de serem insetos minúsculos e inofensivos, não restam dúvidas de que a maioria da gente orquidófila tem aversão às formigas, tanto quanto as formigas têm aos tamanduás. No habitat, formigas e orquídeas convivem a milhões de anos sem idiosincrasias emocionais relevantes. O sentimento é uma concepção da alma humana, assim como a mirmecofagia uma aptidão inata dos tamanduás. Orquídeas e formigas são velhas parceiras na viagem da evolução, sem maiores rancores entre si. As atividades das formigas

sobre orquídeas só se constituem em um mal maior quando falta o equilíbrio natural.

De qualquer modo, apesar de muitos estudos sobre o tema, sempre pairam derradeiras dúvidas: o que de fato fazem as orquídeas em favor destes minúsculos insetos? No reverso, o que fazem as formigas por estas exuberantes plantas? Quem ganha e quem perde na relação? Não há ainda na ciência biológica uma resposta incisiva a estas questões. Há mais especulações e fantasias do que fatos comprovados.

Após milhões de anos em convívio mútuo, não há porque não desconfiar de que realmente hajam conspícuos motivos comuns para uni-las. Enquanto os ecologistas brigam à busca de uma definição metodológica, na natureza as plantas e os insetos vivem um dia-a-dia normal, uma paz que só é perturbada quando há desvios no habitat. Tal qual ocorre no futebol, na vida das orquídeas sempre há controvérsias díspares quando se trata de discutir temas correlatos. Sem dúvidas, as orquídeas causam dependência estética emocional nos orquidófilos, da mesma forma que a bola causa aos torcedores.

É interessante observar, como já notamos na parte pri-



meira desta série, que nos trópicos, apesar de miríades de formigas e de numerosas orquídeas, são poucas as plantas polinizadas por formigas. Talvez isto derive da evolução competitiva, que veio favorecer em boa monta os polinizadores voadores, de fácil locomoção no transporte de pólenes, em detrimento dos insetos andarilhos. Todavia, o fenômeno parece geral, não só restrito à polinização. Apesar da abundância de insetos e de plantas, também é muito restrito o convívio entre estes grupos, um número muito aquém do esperado em termos de abundância natural das espécies. Em razão própria, a natureza não necessariamente obedece à distribuição numérica das espécies. No tempo e no espaço, a evolução requer algum calor específico para a sua caminhada. Não custa repetir que a relevante especificidade de formigas por seletas orquídeas, embora de poucos exemplos, se constitui em um tópico da biologia, cujo estudo vem adicionar à sabedoria científica importantes conhecimentos sobre a sobrevivência animal e vegetal.

O específico na família das orquídeas sempre foi a pedra de toque na sustentação da vida sobre a face da terra, quicá em todo

universo remoto. Neste instante uma idéia tresloucada se estertora na minha mente: serão as orquídeas plantas extraterrestres? As formigas com certeza são de alhures. Deixaremos estas questões para um outro artigo futuro.

Independente da aversão que as formigas causam, não se pode deixar de admirar nelas aspectos curiosos que sensibilizam até os corações mais impassíveis e apáticos. Normal como todo himenóptero, as formigas têm seis robustas patas, cada uma com três articulações, aspectos anatômicos que confere a elas uma extraordinária capacidade de movimentação e de força, uma verdadeira máquina de guerra. Daí decorre curiosas avaliações que, proporcionalmente, se dotado com estas qualidades, o homem haveria de ser um superman capaz de levantar um peso 20 vezes superior ao do seu corpo, além de normalmente poder andar velozmente como se fosse um fogoso equino de corrida. Na contramão, possuindo 250.000 células cerebrais, seria necessária uma colônia contendo 40.000 formigas para se ter, analogamente, a inteligência de um simples mortal orquidófilo. Apesar de dotada individualmente de pouca inteligência, a movimentação social das



formigas nos formigueiros, sob o ponto de vista lógico topológico, se constituiu num movimento dos mais avançados de localização de áreas em labirintos.

Recentemente, um investigador português desenvolveu um modelo computacional bio-inspirado na inteligência coletiva das sociedades das formigas, e que tem aplicações práticas, por exemplo, na classificação de textos ou no reconhecimento de imagens para memórias eletrônicas. Felizmente, a formigas foram agraciadas por Deus com apenas alguns milhares de células cerebrais. O que não fariam se tivessem um pouco mais de neurônios?

As formigas descobriram a orquidofilia muito antes do homem, o que confere a elas o galardão maior pelo pioneirismo. Sem complexo de inferioridade e desprovidas de células cerebrais, tem porém as orquídeas a sabedoria da evolução natural. Nas orquídeas, os neurônios foram trocados pelo encanto, beleza e diversidade genética. Uma graça divina no ápice da criação!

No próximo artigo desta série citaremos casos de orquídeas em convivência com formigas. Embora seja um rol pequeno de plantas, as variedades de espécies e os hábitos de convivência em muito interessarão aos leitores de Orquidário. No mais, sempre há o que contar quando se aborda orquídeas. Ainda mais com formigas de contrapeso.

Bibliografia seleta:

1) <http://alfa.ist.utl.pt/~cvrm/staff/vramos>, nov. 2002. Endereço da internet sobre modelos computacionais baseados em movimentos de formigas.

2) Interations Between Orchids and Ants, By Rod Peakaal, Chapter 3, in Orchid Biology, Reviews and Perspectives, VI, Edited by Arditti, (1994). Livro sobre ecologia.

**UFRJ, Caixa Postal 68035.
21944-970/RJ
VENTURA@nppn.ufrj.br**

**A Orquidário vai longe para encontrar os
amigos da orquídea.**

**Visite e divulgue a nossa página na internet:
<http://www.orquidario.com.br>**



Bletia Catenulata Alba

Lou Menezes

O gênero **Bletia** foi, primeiramente, descrito em 1794 por Ruiz et Pavón (**FL. Peruv. & Chili. Prodr.**, 119, 1794) e batizado em homenagem ao espanhol Luiz Blet, administrador do Jardim Botânico de Algeciras, em Cádiz, Espanha. As espécies deste gênero são caracterizadas pela presença de um colmo basal com folhas apicais estreitas. A inflorescência emerge da base da folha ou ao lado do colmo. No Brasil, o gênero é representado pela **Bletia catenulata** Ruiz et Pavón, também conhecida pelos sinônimos **Bletia rodriguesii** Cogn., **Bletia sanguinea** Poepp et Endl., e **Bletia sherrattiana** Batem. A espécie é típica de solo hidromórfico dos campos do Planalto Central brasileiro numa altitude de 800-

1400 m., aonde a vegetação dominante é de gramíneas e sempre sujeita aos incêndios anuais do período seco e frio de maio a setembro, inverno/primavera brasileira. Sua floração ocorre no início de outubro, imediatamente após a fase crítica dos incêndios da região e coincidindo com a chegada das primeiras chuvas.

The genus **Bletia** was described in 1794 by Ruiz et Pavón (**FL. Peruv. & Chili. Prodr.**, 119, 1794) and named in honor of the Spaniard Luiz Blet, who maintained the Algeciras Botanical Garden in Cádiz, Spain. In Brazil, the genus is represented by **Bletia catenulata** Ruiz & Pavón, also known by the synonyms **Bletia rodriguesii** Cogn., **Bletia sanguinea** Poepp et Endl., and **Bletia sherrattiana** Batem. This genus is characterized by the presence of a basal corm with apical



Rubinho com haste floral de *Bletia catenulata*



NOVA VARIEDADE / NEW
VARIETY

Bletia catenulata* var. *alba
L.C.Menezes **var. nov.**

Flores hujus varietatis
differunt a floribus typicis speciei
colore tantum. Flores albis puris.
Holotypus-UB92.

thin leaves. The inflorescence emerges from the base of the leaf or from the side of the corm. The species is a typical plant of the hydromorphic soil in the fields of the Brazilian Central Plateau at about 800-1400 meters., above sea level, where the dominant vegetation is graminious and is always subject to annual bush fires during the cool, dry period from May to September, the Brazilian winter/spring. It flowers primarily in October, immediately after the critical phase of the bush fires in the region and coinciding with the first rains.



**Não coletar orquídeas é um hábito
saudável. Visitar os habitats para
conhecer as condições em que vegetam
certas orquídeas é muito bom. Faça
anotações e fotografe. Escreva sobre isso**



Obituário

Jorge Gonçalves Sampaio

1951 - 2003

*“Qualquer dia, amigo,
eu volto a te encontrar.
Qualquer dia, amigo, a
gente vai se encontrar.”*

Milton Nascimento

No último dia do mês de agosto, a morte trancou-se com Jorge Sampaio no quarto onde foi achado e saiu de seu peito para matá-lo. Tinha um coração enorme, causado pela permanente pressão alta. Levava a morte no peito e não sabia. O alfange de Omulú ceifou sua alma, e a levou para as savanas da África, ou para os campos floridos do Senhor Todo Poderoso. Como disse um dos nossos filhos: onde quer que esteja, certamente os jardins nunca mais serão os mesmos. Haverá muito mais flores e maior beleza.

Uma semana antes, passamos alguns dias em Teresópolis descansando. Comigo estavam Osmar Judice e José Alberto Lhamas. Era a despedida e não sabíamos. Continuava alegre e brincalhão, como era de seu feitio. No último domingo que passamos juntos, confessou estar atravessando um dos melhores momentos da vida dele e pressentiu a morte.



Era impossível não pensar na frase de Jorge Amado, “O Brasil tem uma única verdadeira riqueza: o talento dos mestiços”, quando Jorge Sampaio trabalhava, liderava ou simplesmente agitava o ambiente onde estivesse. Era uma pilha de energia com forma de gente. Uma disposição para o trabalho, como poucas vezes encontrei igual. Uma arguta inteligência para as coisas práticas e objetivas.

Todavia, esse homem que mal sabia ler e escrever, sem nenhum sangue ou raiz européia, que não completara o primário, era dotado de enorme sentido de ética e de uma seriedade incomum. Mais. Tinha uma grande sensibilidade para a beleza das flores, da vida, do mundo e do sofrimento alheio, além de um requintado modo de ser, que o fazia comensal de nossas refeições e amigo de todos os nossos amigos. Entre os colegas de nossos filhos, ficou lendário.

Sua estória conta-se em poucas palavras. Menino de rua quando a mãe suicidou-se e o pai foi preso, soube aos doze anos o quanto era endurecido o coração



e surdos os ouvidos humanos. Nenhum dos seus seis tios ou tias o ajudou. Dormia na Rodoviária. A família que ele adotou foi a nossa, depois de alguns anos de convívio inicialmente desconfiado, a partir de 1972. Sabia que ali era admirado e querido e rejeitava qualquer contato com os parentes. Sabia também ser um temperamento incompatível com o casamento, que jamais abraçou. Tinha predileção por “casos” e “gambiaras”.

Meu pai e meus filhos, em companhia de Osmar Judice, Lineu Robert, Sebastião Nagase, Sumiô Nakashima, Fred Shull, Fernando Parga “o caçulinha”, foram alguns dos que privaram de deliciosos passeios nas matas de Teresópolis, na década de setenta, tendo o Jorge por companhia. Tempos dourados e inesquecíveis que não voltam mais.

A alma do homem espirituoso e “causeur”, não podia deixar de estar mesclada com outras manifestações de seu forte temperamento. Acertou um abacate na cabeça de uma caseira que o chateou além da conta. Quebrou a cabeça (com um taco de snooker) de um contendor que espalhara um boato desonroso sobre ele na sala de bilhar. Quase manda pelos ares a cabeça de um vizinho, que o provocou durante anos. Jogou uma namorada de cima da ponte, dentro de um rio.

Era porém no campo das orquidáceas, que se superava. Sen-



Lc. Jorge Sampaio. Criação, registro e foto Álvaro Pessôa. Cultivo Jorge Sampaio.

do imune a pessoas falsas e aos invejosos de todos os matizes, gêneros, espécies e famílias, odiava exposições de orquídeas em geral. “Alí, ninguém é amigo de ninguém”, fumegava. Entretanto, era capaz de trabalhar diariamente doze horas seguidas em replante de orquídeas. Em julho replantou 30.000 miltoniopsis adultos em 20 dias! Sua maior alegria era ver seu trabalho reconhecido por nossos visitantes. Era capaz de cultivar bem e fazer florir, Miltoniopsis na bancada debaixo, junto com Ascocendas na de cima. Tudo debaixo do mesmo teto.

Algumas pessoas não morrem. Ficam encantadas. Era o caso dele. “O Senhor deu e o Senhor retomou. Bendito seja sempre o nome do Senhor”.

Cecília e Álvaro Pessôa



Aproveitem as novas Ofertas da Estação:

Oferta Espécies

Cattleya chocoensis var.
(coerulea x 'Jose Manuel')

Cattleya gaskelliana
'Superior' x self

Cattleya loddigesii
'Aranda' AM/AOS

C. loddigesii 'Aranda' x self

R\$115,00

Oferta Híbridos

Bc. Samba Rose (Breaker's
Reah 'Majestic' x Pastoral 'rosa')

Blc. Samba Opera (Bc. Turandot
'Araraquara' x Lc. Irene Finney)

Blc. Samba Parfait (Lc. Mildred
Rivers x Bc. Orglade's Pink Paws)

Lc. Samba Ovation (Ovation
'True Heritage' x Drumbeat 'San
Gabriel')

R\$115,00

Preços especiais em compras on line

www.aranda.com.br

Rua João Daudt de Oliveira s/nº
Quebra-Frascos - Teresópolis
(21) 2742-0628 e 3641-3015

